

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Marizete Aparecida Cunha

Asilo São Vicente e Santo Antônio

- Memória e História -

*Monografia apresentada como
exigência parcial para obtenção de
título de Bacharel e Licenciado em
História, à Universidade Federal de
Uberlândia, sob a orientação da Prof.^a
Dr.^a Heloísa Helena Pacheco Cardoso*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COMS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

1.549

S. 9
C

Uberlândia - MG, Dezembro/1999



Agradecimentos:

A Deus, por me sustentar e direcionar em todos os momentos difíceis e tumultuados que vivi durante minha graduação e por , diariamente, inspirar-me através do Espírito Santo na produção e escrita deste trabalho.

A minha querida Mãe, por todos os anos de dedicação e cuidados que teve comigo, pelo amor e carinho que dispensa a mim e às pessoas ao seu redor. Pela sua simplicidade e sabedoria. Também por ter sido minha principal fonte de inspiração na escolha do tema desta monografia.

A Keloísa, minha orientadora, pela paciência e sabedoria em lidar comigo no decorrer dos últimos anos... Além de sua amizade e carinho sempre presentes em nosso relacionamento.

Ao Juliano, pelo seu amor, pelo seu carinho e sua cumplicidade, por ser meu companheiro e estar ao meu lado em todos os momentos, alegres e tristes, de minha vida...

Ao João Batista, funcionário da coordenação, pela sua amizade e constante apoio, e aos meus companheiros e colegas de jornada , por contribuírem na minha graduação com suas críticas construtivas e seus questionamentos.

Devo muito a todos vocês ...

Com amor,

Marizete

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Heloisa Helena Pacheco Cardoso

Prof. Ms. Leila Regina Scalia Gomide

Prof. Ms. Leandro José Nunes

Índice

<i>Introdução</i>	<i>01</i>
<i>Asilo São Vicente e Santo Antônio — Memória e História —</i>	<i>02</i>
 <i>Capítulo 1</i>	 <i>05</i>
— <i>A velhice na sociedade do trabalho</i> —	<i>06</i>
1.1 — <i>Entre o trabalho e o ócio</i>	<i>06</i>
1.2 — <i>As instituições asilares como opção de vida</i>	<i>12</i>
 <i>Capítulo 2</i>	 <i>18</i>
— <i>A velhice institucionalizada: Uberlândia dos anos 60 aos anos 90</i> —	<i>19</i>
2.1 — <i>A SSVP e sua atuação em Uberlândia</i>	<i>19</i>
2.2 — <i>A obra assistencial e o Asilo</i>	<i>26</i>
 <i>Capítulo 3</i>	 <i>31</i>
— <i>O Asilo São Vicente e Santo Antônio: um estudo de caso</i> —	<i>32</i>
3.1 — <i>A solidão e o Asilo na vida dos internos</i>	<i>32</i>
3.2 — <i>O cotidiano dos internos e suas frustrações, expectativas e experiências de vida</i>	<i>37</i>
 <i>Considerações Finais</i>	 <i>46</i>
 <i>Anexos</i>	 <i>51</i>
 <i>Fontes</i>	 <i>56</i>
 <i>Bibliografia</i>	 <i>58</i>

Introdução

Asilo São Vicente e Santo Antônio

— Memória e História —

A velhice é uma questão em debate na sociedade capitalista contemporânea, onde o trabalho é um dos elementos fundamentais para a valorização das pessoas. Nesta monografia nos preocupamos em analisar a questão do idoso numa sociedade que é do trabalho e como esta sociedade vê a velhice. As instituições beneficentes se tornaram responsáveis pelos inúmeros casos de idosos que acabaram no abandono. O Asilo, tema escolhido para esta pesquisa, tem sido um caminho usado para suprir as necessidades básicas dos idosos, além de oferecer um ambiente familiar para a velhice desamparada. Todo idoso para se integrar novamente a uma outra “família”, agora formada por pessoas com destinos semelhantes, precisa se submeter às condições impostas pela Instituição, incluindo-se nelas a disciplina. Cada asilo tem suas normas e horários, que precisam ser cumpridos visando a manutenção da ordem. Elas possibilitam compreender melhor o cotidiano dos internos.

Enquanto um espaço com características determinadas, que submete indivíduos a um regime de internato ou semi-internato, o Asilo organiza e disciplina homens livres que não têm mais utilidade para o sistema social, uma vez que não se constituem mais força produtiva de trabalho. Essa disciplinarização também é tema desta monografia, uma vez que ela possibilita entender as relações sociais que caracterizam o capitalismo atual, a partir de seus segmentos marginais.

Dentro desta temática, escolhemos como objeto de estudo o Asilo São Vicente e Santo Antônio, localizado em Uberlândia-MG. Trata-se portanto de um estudo de caso que pretende inserir a Instituição na conjuntura maior das relações sociais capitalistas. Para isto, a documentação escrita foi muito importante. Conseguimos com a instituição: dossiês dos

internos, fichas de registros feitas pela administração do Asilo e relatórios redigidos por funcionários. Com a SSVP (Sociedade São Vicente de Paulo) conseguimos Atas de reuniões e o livro de Regra da Sociedade. Como tivemos também a intenção de levantar histórias de vida, trabalhando com a memória e com a “História Oral”, fizemos algumas entrevistas com internos e funcionários da instituição, buscando compreender melhor como os idosos chegaram até o Asilo, como eles se sentem atualmente, narrando suas experiências de vida. O tema possibilitou, além da documentação escrita e entrevistas, o recurso à fotografias. Através delas, recuperamos momentos da vida cotidiana dos idosos e o espaço físico da instituição. Para este estudo de caso no texto mais global do capitalismo no século vinte, uma bibliografia de apoio foi fundamental, assim como a pesquisa em jornais da grande imprensa. Os títulos consultados estão listados na bibliografia final do projeto. Quanto aos jornais, destacamos o Caderno Especial da Folha de São Paulo.

Esta monografia está dividida em três capítulos, contendo cada um deles dois tópicos com subtítulos específicos, de acordo com o conteúdo trabalhado. O primeiro capítulo, intitulado “A velhice na sociedade do trabalho”, vai tratar primeiramente do lugar que o idoso ocupa na sociedade e da visão desta sociedade sobre o idoso. No decorrer do capítulo, procuramos analisar a problemática do idoso do ponto de vista da previdência; o trabalho na Terceira Idade; as formas de tratamento do idoso e as instituições especializadas em atividades para essa faixa da população, como o CEAJ (Centro Educacional de Assistência Integrada) e o SESC (Serviço Social do Comércio). Também chamamos a atenção para a questão do Asilo poder (ou não) ser uma forma de exclusão do idoso do convívio social. Na ótica da exclusão analisamos o caso do Juquery, um hospício de São Paulo que tem o trabalho como forma de tratamento e terapia para seus “loucos”. Por fim, o Asilo como opção de vida para o idoso, e os benefícios que a instituição oferece a ele.

No segundo capítulo, “A velhice institucionalizada: Uberlândia dos anos 60 aos anos 90”, procuramos escrever sobre a SSVP (Sociedade São Vicente de Paulo) fazendo um histórico da Sociedade e inserindo aí a história do Asilo, desde a sua fundação até hoje, nos anos 90. Falamos aqui da administração do Asilo e das formas de manutenção da casa, puxando para os aspectos físicos e toda a infra-estrutura existente. O conceito de “instituição total” usado por Ignatieff, nos ajudou a analisar a instituição a partir da relação histórica que ocorre entre o dentro e o fora, uma história escrita a partir de seus internos.

O terceiro e último capítulo, “O Asilo São Vicente e Santo Antônio: um estudo de caso”, tem como ponto principal o trabalho realizado com as entrevistas, onde primeiramente tratamos da questão da solidão e do significado do Asilo na vida dos internos. Num segundo momento, vimos o cotidiano dos idosos, suas frustrações e experiências vividas, sempre enfocando o convívio deles uns com os outros e com os funcionários da casa, os fatos que marcaram suas vidas (o que eles tiveram em comum neste aspecto, foi justamente a entrada e internação no Asilo), o que fazem todos os dias e a disciplina lá dentro. Finalmente, constatamos com os depoimentos, a ausência de atividades, a falta que sentem do trabalho e do desejo que possuem de serem novamente ativos e úteis para a sociedade.

Concluimos nosso trabalho chamando atenção para as formas de reintegração do idoso que a sociedade está utilizando. Da necessidade de se ter mais instituições especializadas para cuidar dos idosos e/ou promoverem e criarem atividades para eles, pois percebemos, no desenrolar dos depoimentos, que eles sentem muita falta de fazerem alguma coisa envolvida com o trabalho ou com o lazer.

Capítulo 1

— A velhice na sociedade do trabalho —

1.1 – Entre o trabalho e o ócio

Em uma sociedade que é do trabalho, cada vez mais voltada para a especialização e para o avanço da tecnologia, predomina a imagem da força jovem, da aparência saudável e bonita, da “geração saúde”. Nessa sociedade, qual o lugar das pessoas com idade mais avançada? Como enfrentar a questão do idoso, levando em conta o mercado de trabalho cada vez mais competitivo e agressivo, que não consegue absorver nem a parcela jovem da população com nível técnico e universitário?

São para questões como estas que gostaríamos de chamar a atenção e, a partir delas, perceber como esta sociedade vê a velhice e nela, qual é o lugar que o idoso ocupa. Uma pessoa que trabalhou por toda vida, homem ou mulher, e que sempre teve sua independência financeira, alcançando a terceira-idade, vê-se obrigado a viver conforme seus limites físicos, convivendo com doenças ou solidão, ou mesmo limites econômicos. Muitos são obrigados a mudar radicalmente suas vidas, passando a viver apenas de aposentadoria e deixando para trás muitos “privilégios” que agora não possuem mais.

Para muitos idosos, trabalhar é uma necessidade, para outros, é uma oportunidade de começar vida nova após os 60 anos. Esses são alguns dos motivos pelos quais tantos idosos se inscrevem em programas de trabalho para a Terceira Idade, aumentando gradativamente a necessidade da criação de órgãos assistenciais voltados para as questões dos idosos e de instituições de amparo à velhice.

Existe no Brasil um grande número de idosos aposentados e a previdência é algo que preocupa muito o governo. No regime previdenciário tradicional, como o INSS, as aposentadorias e pensões são cobertas e mantidas por contribuições dos que estão trabalhando

no mercado formal. Este equilíbrio entre receitas e despesas é difícil de se obter. A maior preocupação com a renda na velhice é da classe média, pois o INSS impõe um teto às aposentadorias, de acordo com a legislação em vigor de 1999 é de R\$1.255,32. Uma pessoa acostumada a viver com um valor superior a este, com certeza continuará trabalhando para desfrutar do mínimo de conforto, aquele determinado pelo seu padrão de vida anterior à aposentadoria.

O idoso não é mais sinônimo de doença. Agora, o que indica o envelhecimento é o “grau de limitação da pessoa diante das tarefas cotidianas”¹: ir ao banco, cozinhar, andar de ônibus, vestir a roupa ou tomar remédios na hora certa. Este novo conceito consta da Política Nacional de Saúde do Idoso², que foi proposta em 1999, pelo governo brasileiro. Por ela, o governo reconhece oficialmente que o Brasil está envelhecendo rapidamente. Este envelhecimento pode ser confirmado pelos dados levantados e que constam do Anuário Estatístico do IBGE: em 1960, a porcentagem da população acima de 60 anos era de 2,7%; em 1970, ela sobe para 3,1% e em 1980, atinge 4,0% (conforme Anuário Estatístico 1987/88 – IBGE). Esta nova política substitui o conceito de doença pelo de incapacidade funcional, dando enfoque à medicina preventiva, porque, na maioria das vezes, os idosos possuem doenças crônicas e não necessariamente precisam ser internados em hospitais para seu tratamento.

O fato de se internar um idoso por um problema qualquer, além de insensibilizá-lo, os custos são caros e aumentam os riscos de infecções. Os EUA, atualmente, estão seguindo uma tendência chamada “Homecare”³ onde o idoso é tratado em casa por um “cuidador” treinado, com menor custo e melhor qualidade de vida. Impedir a ida ao hospital, na prática,

¹ Cf. Jornal “Folha de São Paulo” de 26 de Setembro de 1999, Caderno Especial: “Mais Velhos”.

² Folha de São Paulo. Op. Cit., p. 3.

³ Idem Ibidem, p. 3.

significa uma mudança de mentalidade. No Brasil, a Política Nacional de Saúde do Idoso tenta evitar que o idoso tenha alguma incapacitação e que, uma adquirida, possa ser bem tratada. Esta política é uma das possibilidades que o governo encontrou para tentar melhorar a qualidade de vida da população mais velha.

Existem inúmeros casos de idosos que são levados ao hospital para tratamento de algum problema e passam a viver confinados ali até a morte. Muitas pessoas preferem pagar um hospital a ter um idoso em tratamento na sua casa. O hospital acaba provocando mais danos ao idoso, a menos que sejam casos sérios ou de doenças terminais. Há idosos internados por todos os hospitais e alguns passam meses sem nenhum progresso, retornam às suas casas mais incapazes ainda, não conseguem fazer nem as atividades básicas que faziam antes sozinhos, como comer, tomar banho, levantar-se, etc.. Ficam mais dependentes dos outros devido ao tratamento hospitalar, que pressupõe a figura do enfermeiro.

É possível encontrar muitos idosos vivendo sozinhos em suas casas, sem filhos ou companheiros. Alguns vivem muito bem, até sofrerem algum problema de doença ou acidentes, que os levam a depender de outras pessoas. Nestes casos, são obrigados a procurar alguém da família ou uma instituição de amparo à velhice. Quando isso ocorre, passam a viver outro ritmo de vida, completamente diferente do que estavam acostumados. Começa a rejeição e a depressão, para muitos um caminho sem volta, marcado pela solidão.

Os acidentes com os idosos são mais comuns do que nas pessoas jovens, pelo fato de já estarem menos dispostos a determinadas situações. As condições de segurança nas ruas e em suas residências ou nos ônibus e o desrespeito ao idoso, podem ser percebidos a todo momento, direta ou indiretamente. Para melhorar o dia-a-dia é possível fazer adaptações em suas casas buscando mais conforto e segurança. Introduzir aos poucos as mudanças, conforme vão surgindo as dificuldades dos moradores, este é o melhor passo para que eles não se sintam

totalmente incapazes de exercer suas atividades, principalmente para aqueles que têm mais dificuldade na adaptação à idéia da velhice.

O idoso passa a viver sozinho por inúmeras razões, uma das principais é o fato do trabalho. No seguinte sentido: alguns já não trabalham mais, já são aposentados e não podem mais trabalhar por alguma doença que sofreram ou pela falta de oportunidade no mercado. Sós em casa, sentem-se como um objeto que está sempre na frente das pessoas, só atrapalhando porque ninguém mais usa... Todas as pessoas da casa têm algo para fazer, e os tantos afazeres dos outros, resulta em um idoso sem atenção, ou aos cuidados de empregados da casa. Neste momento, muitos que tem certa condição financeira preferem viver em suas próprias residências contratando uma companhia estranha para morar.

É comum também não terem para onde ir. Quando a família não tem mais tempo para o idoso, e não podendo manter sua própria casa, ele procura uma instituição de amparo à velhice, como é o caso dos Asilos. Acabam não fazendo mais as mesmas coisas que faziam antes, nem mesmo as mais banais, como ir às praças conversar com os amigos. Passam a viver outra rotina, segundo as normas do lugar onde estão vivendo. Costumam reclamar muito, nesta fase de suas vidas por não terem o que fazer, no sentido de utilidade mesmo, de não serem mais úteis para a sociedade, não possuem nenhuma atividade relacionada com o trabalho. Daí a grande necessidade de se criar instituições ou grupos de amparo para os idosos, não só de lazer mas que possam desenvolver atividades voltadas para pequenos trabalhos, proporcionando a eles a oportunidade de se sentirem novamente necessários e úteis.

Vemos idosos por toda parte exercendo alguma atividade, vendendo alguma coisa na rua, principalmente “jogos de azar”, jornais e passes, trabalhando como porteiros em prédios e condomínios. Estas são algumas das opções que eles encontram para aumentar as suas rendas. Também continuam trabalhando na Terceira Idade aquelas pessoas que conseguiram construir ao longo de suas vidas seus próprios negócios e permanecem neles até morrerem.

Dependendo da boa disposição física, alguns fazem serviços de banco para as empresas, mas no geral, o que se vê são idosos fazendo bicos para sobreviverem pois a mísera pensão do INSS nunca é suficiente. Sem contar o grande número de idosos que vivem nas fazendas trabalhando como lavradores, que embora casados, merecendo um descanso, nem por isto querem ficar sem fazer nada, alguns pela necessidade de sobrevivência, outros, pela vontade de continuar a ser uma pessoa “normal”, ou seja, útil.

À necessidade econômica que atinge a maioria dos segmentos sociais é preciso associar a questão do tempo enquanto mercadoria, uma das características da sociedade capitalista. Nela, “tempo de trabalho” e “tempo livre” se opõem, e a noção de utilidade, a que o primeiro está associada, penetra todos os espaços do social, da fábrica à escola, da atividade produtiva ao lazer. O trabalho, desde o século XIX, passou a ser o princípio explicativo da sociedade e viver fora dele gera um sentimento de medo, medo do ócio, da inatividade, como negações dessa sociedade que busca sempre uma produtividade cada vez mais elevada. Para os idosos, o tempo vai deixando de ser o do trabalho, embora este valor já esteja de tal forma introjetado que torna-se quase impossível conceber uma outra existência fora dele.

Os idosos que vivem nas cidades, principalmente nos grandes centros urbanos, como é o caso de Uberlândia, a maior parte aposentados, procuram ocupar o tempo participando de atividades desenvolvidas por instituições especializadas no assunto, como é o caso do “CEAI (Centro Educacional de Assistência Integrada) e SESC (Serviço Social do Comércio)”⁴ que têm programas especiais envolvendo a vida dos mais velhos. Esses programas, que prometem a integração do idoso e criam atividades ocupacionais para eles, fazem com que se sintam

⁴ Sobre esse assunto, são interessantes as seguintes monografias:

FERNANDES, Geisa Helena Alves Mendes. **Fragmentos de experiências: memória das mulheres idosas em Uberlândia (1990-1998)**. Uberlândia: COCHI/UFU, 1998.

SILVA, Celina Rosa. **Envelhecer com dignidade: o grupo da Terceira Idade e a convivência com o SESC**. Uberlândia: COCHI/UFU, 1998.

mais valorizados e possibilitam sua volta às atividades, algumas bem diversificadas como jogos, atividades pedagógicas, aulas de pintura, corte e costura, introdução à informática, curso de língua estrangeira, de higiene pessoal. Além disso, promovem excursões, bailes, palestras, possuem assistência médica e psicológica, entre outras, que permitem minimizar a solidão e, de certa forma, a sua volta e integração na sociedade.

Em especial, o CEAI promove, às pessoas com idade mínima de 50 anos, alfabetização e pós alfabetização, aulas especiais como Yoga, relaxamento, aulas de dança de salão e aulas de música, entre outras atividades, e um espaço cultural à Terceira Idade denominado “Cora Coralina”, que dá oportunidade aos idosos de demonstrarem seus talentos e criatividade. Psicólogos, assistentes sociais e professores de educação física auxiliam e dão assistência ao Grupo de Portadores de Seqüelas de Acidentes Vasculares Cerebral que funciona também no CEAI.

Em Uberlândia existe um projeto que se chama “Conviver”: é um programa que trabalha com o idoso em sua própria comunidade e já é desenvolvido em 15 bairros da cidade. Duas a três vezes por semana, os grupos de idosos se reúnem em centros comunitários, paróquias e clube de mães para participarem de atividades físicas, psicossociais e manuais. Existe também na cidade, o “Grupo dos mais vividos” do SESC, que formou um bloco de carnaval onde, todos os anos, desfila nas ruas, realiza festas e comemora datas festivas de nosso calendário. Às quartas-feiras e sábados, o “Grupo dos mais vividos” faz o “Forró do SESC”. Promovem ainda palestras específicas para os idosos em diferentes áreas e assuntos. Este grupo é formado por idosos que freqüentam o SESC.

Os idosos na medida em que deixam de participar, na sociedade com a sua capacidade plena de trabalho, buscam outras atividades que possam proporcionar certa integração com o social e isso é possível através destas atividades que eles podem ter junto a estas instituições de apoio aos “mais vividos”, como as que nos referimos anteriormente.

Pensar em tudo o que se viveu, nas coisas que poderia ter feito e não fez, no que ficou para trás, nas pessoas que passaram em suas vidas, no que as outras pessoas fizeram, enfim, observar o próprio envelhecimento parece ser algo “doloroso”. As pessoas se preocupam cada vez mais com seu físico, com suas atividades, sua alimentação, tudo que signifique rejuvenescimento, principalmente numa sociedade onde o idoso é considerado um “inútil” e até um empecilho.

Ficar velho ou tornar-se idoso significa tornar-se inapto para resolver seus próprios problemas sem a ajuda dos outros, e isso é bastante complicado. Nenhuma pessoa quer passar a ser dependente de outra, numa época em que se está no ápice da experiência de vida, pois acreditamos que as pessoas, com o passar dos anos, não se tornam ultrapassadas e inúteis, mas ao contrário, mais ricas em suas experiências de vida. “Entretanto, mesmo que o tempo transforme nossa face, nos desfigure, o que vivenciamos e guardamos em nossa mente fica conosco como lembranças, isto o tempo não pode nos tomar”.⁵

1.2 – As instituições asilares como opção de vida

Até que ponto o idoso é um inútil? Se não serve mais para o trabalho e não tem onde viver, precisa se virar sozinho. Nestes casos, uma das saídas seria procurar uma instituição como o Asilo, onde o idoso possa viver e ter abrigo, o que vestir, comida e “companhia”. Seria esta uma forma de excluir o idoso do convívio social? Mesmo sabendo que para ele é a única alternativa? No Asilo São Vicente e Santo Antônio, em Uberlândia, objeto da pesquisa que resultou nesta monografia, os internos gozam de toda assistência que precisam, mas nem todos os asilos são iguais, alguns não oferecem o mínimo de salubridade. Os internos passam

⁵ SILVA, Celina Rosa. Op. Cit., p. 63.

a viver na solidão, pois os familiares os abandonam nessas instituições porque, envolvidos com seus compromissos particulares, preferem deixar para elas toda a responsabilidade sobre o interno.

Existem inúmeras instituições de assistência aos idosos como asilos e albergues. As instituições asilares, no entanto, não se destinam apenas a eles, existem outras, especializadas em atender pessoas com carências e problemas que não são decorrentes só da idade avançada. Um exemplo disso é o estudo que Maria Clementina Cunha⁶ faz sobre o Juquery, um hospício fundado em 1901-02 em São Paulo, considerado o primeiro asilo científico do Brasil. Em sentido geral, os asilos são uma opção de vida para aquelas pessoas que não tem para onde ir.

Eles se constituem em instituições de assistência social, onde são recolhidos para o sustento ou educação, não só os velhos, como crianças abandonadas, órfãos, menores infratores, mendigos, doentes. Em todos estes casos a assistência se justifica como necessária para a correção de “desvios”, entendidos como afrontas à ordem social, que necessitam da intervenção do poder público ou das instituições privadas para a manutenção da ordem social. Nesta tarefa os especialistas, nos diversos campos do conhecimento, como os psicólogos e os médicos, têm um papel fundamental por proporem soluções e encaminhamentos para esses desvios sociais de forma mais “neutra” e, portanto, inquestionável.

No caso do Juquery, analisado por Cunha, a proposta do “asilamento científico” formulava uma versão que se aproximava ao máximo de uma “comunidade ideal”, semelhante ao que era buscado no mundo dos sãos. O princípio básico que regulava a vida asilar era a “laborterapia” (terapia do ocupacional), que era entendido pelo alienismo europeu do período de fundação do Juquery, como meio de ressocializar os internos considerados curáveis, reintroduzindo-os no mercado de trabalho e preparando-os para um retorno “produtivo” à

⁶ CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Cidadelas da ordem; a doença mental na República**. São Paulo: Brasiliense. 1990. (*Tudo é História*, n.º 128).

sociedade. A laborterapia, no Juquery, significava um meio de disciplinar os “incuráveis”, de torná-los dóceis e integrados ao seu novo mundo de reclusão perpétua e de garantir a ordem e a disciplina dentro da instituição.

O alienismo prometia cura aos internos e à cidade. Mais do que a assistência aos loucos, prometia saúde ao corpo social. O asilamento científico contrapunha-se à sujeira, da subversão dos valores mais caros às elites, pela imposição de uma versão higiênica, disciplinada, pacífica e capaz de restaurar no próprio mundo do desatino a imagem da ordem almejada. Assim, o “hospício médico surge como uma promessa de um mundo regulado que, do caos da loucura, podia fazer renascer o triunfo da razão.”⁷

No Juquery, o trabalho era como uma espécie de promoção em uma carreira asilar montado sobre o princípio da premiação da disciplina. O funcionamento do hospício previa graus diferenciados de “liberdade” dos internos e seus administradores se preocupavam em evitar o aspecto de prisão, embora houvesse necessidade dos muros e grades nas janelas. Conforme o trabalho exercido, o interno poderia trabalhar fora dos muros fechados do hospício. Por ter uma área muito grande, cerca de 1300 alqueires aproximadamente, o Juquery na década de 20, conciliava um hospício fechado com áreas de trabalho agrícola em grande escala.

Quando ingressados, os internos passavam por algumas etapas ou estágios. O primeiro é aquele onde o médico ou alienista dava seu diagnóstico. Ao final de algum tempo, talvez meses, talvez anos, o médico formulava seu veredicto. Neste momento, o indivíduo, inapto para a vida social, era considerado apto para progredir em sua carreira asilar, transpondo pontos mais elevados: era a segunda etapa. Esta última, chamada de “semi-open-door”, acontecia em outro pavilhão, cercado por muros altos; com vigilância constante, onde

⁷ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Op. Cit., p. 49.

havia a possibilidade de se executar pequenos serviços: cultivar hortas, ajudar na limpeza, fabricar cigarros com o tabaco plantado na própria instituição. Os internos eram premiados com cigarros para consumo próprio ou com aumento da “ração diária”, ou com possibilidade de promoção para as “colônias agrícolas”, que funcionavam dentro da propriedade, mas fora dos muros do hospício.

A punição para quem não queria trabalhar era exemplar: eram obrigados a retornar ao hospício central e novamente submetidos às práticas terapêuticas, até compreenderem o valor do trabalho e aceitarem as “normas da casa”. A ameaça de retorno ao hospício central acompanhava os internos do Juquery ao longo de toda a sua vida na instituição. Alguns felizardos entravam num último estágio, a “assistência domiciliar”: os internos eram entregues aos sitiantes da vizinhança do Juquery e também a funcionários graduados residentes nas proximidades, para o desempenho de tarefas agrícolas ou trabalhos domésticos, recebendo visitas regulares dos médicos. Qualquer reclamação a respeito do comportamento do interno, significava um súbito rebaixamento, o retorno ao hospício central e o duro recomeço.

O fundador do Juquery, Franco da Rocha, se vangloriou pela adesão de seus internos às normas do hospício: “agricultores tranqüilos e descuidados do futuro, logram eles na desgraça uma boa dose de felicidade...”⁸ Era uma felicidade duvidosa pois o medo acompanhava a vida cotidiana de cada interno. O Juquery surgiu como cidade da ordem e do trabalho, onde se indicavam os caminhos do progresso buscado pelo regime republicano. Foi pensado e implantado como uma instituição auto-sustentada, capaz de suprir suas necessidades por meio do trabalho de seus internos incuráveis.

⁸ Idem Ibidem, p. 56.

Assim como os doentes mentais, que na grande maioria dos casos, são considerados não aptos para a vida social, os idosos também são vistos desta forma. São levados para instituições asilares por seus familiares, ou eles próprios procuram os asilos atrás de abrigo, de um lar, onde possam ter o mínimo necessário para viverem com dignidade e evitarem a situação de indigentes. Isto porque muitos idosos acabam por chegar numa situação de penúria total, sem ter sequer um lugar para descansar seus corpos cansados e surrados pela vida.

Numa situação assim, eles acabam perdendo, além da família, todos os seus referenciais: casa, trabalho, igreja e amizades. Todo o rumo de suas vidas é alterado e as instituições se tornam uma opção de vida para todos que se encontram nestas situações complicadas e difíceis. Muitos ainda consideram os asilos como uma boa escolha porque lá encontram pessoas dispostas a cuidarem deles, e acabam deixando suas casas por vontade própria e vão viver em asilos (é claro que esta é uma minoria considerável de casos).

Diferente dos doentes mentais, considerados ainda mentalmente incapazes, embora as novas terapias tenham se encaminhado pelo tratamento dele junto à família e no convívio social, a velhice identifica um estágio de vida, não da incompetência mental, mas da negação da produtividade. Ao negar um dos valores básicos da sociedade, justifica-se a existência de instituições asilares destinadas ao trato com idosos.

No Asilo São Vicente e Santo Antônio, os internos têm casa, cama, comida, roupas, apoio religioso. Lá dentro possui uma Capela onde são celebradas missas diariamente. Eles têm serviços de fisioterapia, pois funciona nas acomodações da casa uma pequena “clínica”, uma sala com instrumentos e aparelhos para este fim. Têm médico e uma ambulância da prefeitura à disposição. Dentistas que atendem em seus consultórios duas a três vezes por semana. Por tudo isto, o idoso não precisa pagar, é por conta do Asilo. Em relação ao pagamento, ou mensalidade, ele só existe para aqueles que possuem aposentadoria do INSS.

que é transferida para a casa, com autorização e conhecimento do interno. Os outros que não tem condição, não pagam nada para viverem ali. As famílias também não pagam para manterem os internos no Asilo, alguns poucos têm consciência da necessidade de contribuir com a instituição, mas às vezes começam a fazê-lo e param com o decorrer dos anos.

Este Asilo permite um certo conforto a seus internos. Seu espaço físico é grande e possui muitos quartos, isto possibilita, aos internos que queiram permanecer sozinhos em seus quartos, porque a norma da casa é que fiquem de dois em dois, mas a infra-estrutura que possuem permite esse bem estar. Isto evita muitos conflitos entre os internos, pois já é bastante complicado viverem fora de suas casas, num ambiente onde tudo é comunitário, salas de televisão, sala de visita (têm duas na casa, uma comum e outra para visitas individuais), banheiros, refeitórios, etc. É claro que existem muitos e muitos problemas, de relacionamento ou outro qualquer, mas o que foi possível perceber é que a casa permite que seus internos tenham uma certa qualidade de vida: a “casa” está sempre bem limpa e eles bem alimentados.

O Asilo São Vicente e Santo Antônio foi criado em Uberlândia, em 1920, pela Sociedade São Vicente de Paulo — SSVP. O próximo capítulo tem como objetivo recuperar a história dessa Sociedade e do Asilo.

Capítulo 2

— A velhice institucionalizada:

Uberlândia dos anos 60 aos anos 90—

2.1 – A SSVV e sua atuação em Uberlândia

A região de Uberlândia constituiu-se como município autônomo em 1888, justificada essa autonomia na sua evolução sócio econômica, que apontava para uma modernidade crescente, apoiada nas possibilidades econômicas aliadas à busca do progresso pelas elites sociais, como nos relatam vários memorialistas do período.⁹ Essas elites, além da preocupação com o desenvolvimento da região, implementaram ações que possibilitaram políticas sociais voltadas para a melhoria das condições de vida geradas pelo próprio processo de modernização.

As políticas sociais voltadas para uma melhoria de vida não é algo exclusivo de Uberlândia, mas algo que ocorre em outro lugares também. Tais políticas possibilitaram a criação de instituições especializadas em cuidar de pessoas com carências e problemas diversos. Como foi possível observar anteriormente, o estudo de Cunha¹⁰ enfoca características peculiares de uma instituição voltada para o asilamento, ou seja, abrigo de pessoas com doenças mentais, o Juquery. Um outro exemplo de instituição especializada em cuidar de pessoas problemáticas ou carentes são as assistenciais e, entre elas, merece destaque o Asilo São Vicente e Santo Antônio, fruto da SSVV (Sociedade São Vicente de Paulo), fundado em 1920 em Uberlândia, que se dedica ao abrigo de idosos.

Para estudarmos o Asilo São Vicente e Santo Antônio, objeto de minha pesquisa, primeiramente precisamos saber um pouco sobre a história da SSVV, um pouco de sua origem

⁹ PEZZUTI, P. **Município de Uberlândia: história, administração, finanças, economia**. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1922.

¹⁰ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Op. Cit.

e sua fundação no Brasil, especialmente em Uberlândia. Com isto é possível compreender melhor a história do Asilo, em especial nas décadas de 60 em diante, quando foi inaugurada a nova sede da instituição na rua Coronel Severiano, 131. Desde 1964 até hoje, o Asilo permanece neste local.

“A SSVP é uma organização internacional de leigos, fundada em Paris, no ano de 1833, por Antônio Frederico Ozanam e seus companheiros. Colocada sob o patrocínio de São Vicente de Paulo, inspira-se no pensamento e na obra deste santo, esforçando-se, sob o influxo da justiça e da caridade, por aliviar os sofrimentos do próximo, mediante o trabalho coordenado de seus membros”.¹¹

Os vicentinos organizam-se em grupos, tradicionalmente chamados Conferências, que se reúnem com regularidade e frequência e, no mínimo, fazem uma reunião mensal. As conferências são unidas entre si por meio de Conselhos e escalão local, regional, nacional e mundial. O sinal de unidade da Sociedade é a Agregação das Conferências e a Instituição de Conselhos, declaradas pelo Conselho Geral.

Só podem ser proclamados membros ativos da SSVP, pessoas que professem a fé católica e que procurem dar testemunho do amor a Cristo pelo exercício da caridade. As pessoas em situação conjugal não aceita pela Igreja ou que professem outras religiões, freqüentem seitas, filiadas a sociedades secretas ou partidos políticos, cuja ideologia atente contra a Igreja Católica Apostólica Romana e seus princípios, jamais poderão ser membros ativos da SSVP.

Os membros ativos da SSVP, confrades (homens) e consócias (mulheres), denominados vicentinos, são proclamados pelo Presidente em reunião da Conferência, desde

¹¹ A história da SSVP foi retratada baseada no livro de Regra da Sociedade: Sociedade São Vicente de Paulo. **Regra da Sociedade São Vicente de Paulo no Brasil**. 30 ed., Rio de Janeiro: CNB da SSVP, 1998.

que feita a Primeira Eucaristia. As Conferências Vicentinas são constituídas por grupos de católicos e integradas por pessoas sem distinção de cor, sexo, classe ou idade. Nas Conferências urbanas, o número ideal de membros varia entre 12 e 15, admitindo-se maior número deles para as Conferências situadas em zonas rurais. Estas Conferências são vinculadas e subordinadas diretamente aos Conselhos particulares do local em que funcionam e, indiretamente, a todos os Conselhos hierarquicamente superiores.

Os confrades e consócias em suas reuniões relatam as visitas efetuadas e comunicam as necessidades aos assistidos. A Conferência analisa as medidas propostas e estuda as providências aconselháveis. Faz-se em cada reunião, uma coleta secreta, em dinheiro, que representa o testemunho e a partilha de cada um. Em cada ano, durante a semana que inclui o dia 8 de Setembro, data da morte de Frederico Ozanam, é realizada uma coleta especial denominada “Coleta da Semana de Ozanam”, cujo resultado é enviado ao Conselho Nacional, por intermédio do Conselho Particular ao qual a Conferência está vinculada e subordinada.

A Conferência é dirigida por um Presidente eleito por maioria de votos, com mandato de três anos, sem direito à reeleição, podendo voltar com interrupção de um mandato. Para ser eleito Presidente de Conferência, é necessário ser confrade e consócia já proclamados e ter atividade ininterrupta de pelo menos 1 ano. Nenhum confrade ou consócia com mais de 70 anos de idade poderá ser eleito Presidente.

O Presidente nomeia no mínimo um Vice-Presidente, a quem cabe substituí-lo em sua ausência ou impedimento com plenos poderes e colabora efetivamente com ele. Nomeia um Secretário para lavrar as atas de reuniões e elabora o Mapa do Movimento Trimestral da Conferência, que é enviado ao Conselho Particular ao qual está vinculada. Por fim, nomeia um Tesoureiro que fica responsável pelo caixa e pelos valores da Conferência, anotando as receitas e as despesas.

As principais fontes de receita das Conferências são:

- a) Coletas realizadas durante as reuniões da Conferência;
- b) Donativos, ofertas e coletas autorizadas em outras oportunidades;
- c) Contribuições dos membros;
- d) Ajuda eventual de Conselhos e outras Conferências;
- e) Resultado de iniciativas promovidas pela Conferência ou em seu favor.

O Conselho Nacional do Brasil, instituído pelo Conselho Geral Internacional, funciona atualmente no Rio de Janeiro e representa a SSVP no Brasil, em todo o território nacional, perante as autoridades eclesiásticas, civis e militares. Os Conselhos Metropolitanos são seus representantes diretos e seus presidentes fazem parte do Conselho Nacional do Brasil como membros natos.

A fundação e desdobramento ou instituição de um Conselho é regulamentado da seguinte forma:

- a) Conselho particular se forma apresentando-se no mínimo com 4 Conferências agregadas e no máximo 10 em funcionamento a ele vinculadas;
- b) Conselho Central é formado por 5 Conselhos Particulares instituídos e no máximo 12 em funcionamento e vinculados a ele;
- c) Conselho Metropolitano, reunindo 6 Conselhos Centrais instituídos, no máximo com 15 em funcionamento e a ele vinculados.

Esta é a mais recente regulamentação, porém, o número mínimo de agregações variou no início de suas histórias.

A instituição de Conselhos Particulares, Centrais e Metropolitanos depende de proposta do Conselho Nacional do Brasil ao Conselho Geral Internacional. O mandato do Presidente de Conselho, em todos os escalões, é de 4 anos, sem direito a reeleição, podendo retornar com a interrupção de um mandato. A diretoria do Conselho de qualquer escalão é composta pelo Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Tesoureiro e um Coordenador da

Comissão de Jovens do respectivo Conselho. A área de atuação de um Conselho Metropolitano pode corresponder a um município ou mais de um.

Em cada Conselho será formada uma Comissão de jovens que terá a finalidade de incrementar a participação dos jovens na vida da SSVP. A comissão de jovens é composta de 3 a 5 membros escolhidos pelo seu Coordenador. A este coordenador cabe representar a juventude vicentina do seu Conselho; promover a união entre o Conselho e a Comissão de jovens e manter o Conselho informado sobre todos os trabalhos realizados pela juventude vicentina.

As coletas são as principais fontes de receita da SSVP, por isso a importância da “Coleta de Ozanam” e o “11 BIS”. Anteriormente, falamos sobre a “Coleta da Semana de Ozanam”, que ocorre na semana do dia 8 de Setembro, onde cada confrade ou consórcia coloca na sacola o seu donativo. A finalidade desta coleta é ajudar as Conferências mais carentes no Brasil, que têm dificuldade de manter os seus trabalhos junto aos pobres. O “11 BIS” ocorre no 1º trimestre de cada ano onde cada confrade/consórcia dá sua colaboração pessoal de US\$1,00 (um dólar, convertido em moeda nacional). O Conselho Nacional envia esta quantia ao Conselho Geral Internacional, para fundar a SSVP em países que não têm a Sociedade ou em caso de catástrofes e guerras, bem como para manter lugares como o sepulcro de Ozanam e suas relíquias.

A não colaboração de alguma Conferência ou de algum confrade/consórcia para com estes dois preceitos regulamentares significa que ambos estão fora do espírito de comunhão que norteia a SSVP. Estas duas formas de coleta não podem e nem devem ser uma contribuição particular e pessoal do presidente ou de algum Conselho em nome dos confrades ou da Conferência. Isto seria antes, e acima de tudo, um desrespeito à “partilha” e à “comunhão fraterna”.

O Conselho Geral Internacional da SSVP tem sede em Paris, cidade em que foi estabelecido desde sua origem e na qual foi fundada a primeira Conferência. Este Conselho anima e coordena as atividades da Sociedade em todo o mundo e assegura a união entre todos os Conselhos da Sociedade.

Em meados do ano de 1900 ocorreram tentativas de fundação de uma “Conferência Vicentina” na cidade de Uberlândia. Exatamente na data de 2 de janeiro de 1916, fundaram a Conferência de Nossa Senhora do Carmo (que era na época padroeira da cidade), pioneira do movimento vicentino uberlandense. Na ocasião, a população da então São Pedro de Uberabinha não passava de 3.000 habitantes aproximadamente. Esta Conferência progrediu lentamente, prestando serviços beneficentes à comunidade local e seu presidente era o Coronel Marciano de Ávila.

Em 1919 a Conferência de Nossa Senhora do Carmo adquiriu um terreno localizado na atual rua Tenente Virmondes, na época completamente desabitada, para a construção do Asilo São Vicente de Paulo. No ano de 1920 ele foi inaugurado e entregue em 1923, após a conclusão das obras, ao abrigo da velhice desamparada. Em 1936 o prédio foi vendido e com esta venda, adquiridos 2 prédios na Praça da Matriz, hoje Cícero Macedo. Em um deles, funcionou o abrigo para mulheres; a partir de 1949 o outro prédio foi utilizado para abrigar pessoas do sexo masculino.

A segunda Conferência foi fundada em 17 de julho de 1934 e recebeu o nome de Nossa Senhora do Rosário e seu presidente foi o Dr. José Maria Vilela. Com o crescimento das obras e atividades vicentinas, tornou-se necessário a criação de um órgão hierarquicamente superior às Conferências para coordenar o movimento. Foi então instalado o primeiro Conselho Particular em Uberlândia, em 1937.

Em 1955 o confrade Oly-Mar Castilho Alves assume a direção do Conselho Particular. Durante seu mandato, procurou traçar planos para a construção de novos pavilhões

do Asilo na rua Coronel Severiano, já que os prédios onde funcionava estavam quase em ruínas. A construção do novo prédio terminou em 1963 e, um ano mais tarde, recebeu as primeiras internas transferidas do casarão ao lado.

Em março de 1966, houve a instalação de um Conselho Central na cidade, com a presença do presidente do Conselho Metropolitano de Uberaba¹², ao qual é automaticamente subordinado. Na data de 1967, instalou-se mais um Conselho Particular, com o nome de Conselho N. S. Aparecida, pois as Conferências aumentaram e as obras vicentinas a serem administradas também. Durante todo o período, desde a fundação da 1ª Conferência, a SSVP esteve a frente de obras como o Dispensário São Vicente de Paulo, a Santa Casa de Misericórdia de Uberlândia, a Casa da Divina Providência, o Asilo São Vicente e a Casa da Criança, entre outras atividades, como cuidar das Conferências que prestam auxílio às famílias carentes da cidade.

Retomando mais um pouco de partes da história de Uberlândia, a Prefeitura Municipal em 1942, entrega a Santa Casa de Misericórdia para ser administrada pela SSVP. A Santa Casa era um hospital que atendia a comunidade de um modo geral, e naquela ocasião estava sem uma administração fixa e permanente, sendo esse o motivo pelo qual a Sociedade a assumiu. No ano de 1976, a Santa Casa foi vendida para o atual Hospital Santa Genoveva. A instituição funcionava, naquele momento, na Avenida Floriano Peixoto, passando posteriormente para outro imóvel, à Av. dos Andradas, hoje Raulino Cota Pacheco, onde atualmente funciona a Casa da Divina Providência (um orfanato que em 1984 passou para Centro de Formação para meninas, onde elas aprendem todas as prendas domésticas, têm aulas de bordado e pintura e ainda têm aulas de reforço da escola).

¹² Cf. ATA de Instituição na data de 14 de novembro de 1937.

No ano de 1982 foram instalados mais 2 Conselhos Particulares: o Cristo Redentor, do Bairro Daniel Fonseca e o Frederico Ozanam do Bairro Tibery. Atualmente o Conselho Central da SSVP, nesta cidade, funciona na rua Duque de Caxias, 451 no Centro e ainda é ligado ao Conselho Metropolitano de Uberaba. Conta com 55 Conferências e vários Conselhos Particulares, ao todo são mais de 600 membros, confrades/consócias. Este Conselho Central tem como presidente o Sr. Nilton Silvio Pimenta com um mandato de 4 anos que vencerá em julho do ano 2000, presidente que muito contribuiu para a produção deste trabalho fornecendo Atas e documentos necessários para a construção do histórico da SSVP.

2.2 – A obra assistencial e o Asilo

O trabalho da SSVP, como foi possível observar, é um trabalho de assistência que envolve obras de caridade às famílias carentes e é estendido a crianças e idosos. O ponto fundamental desta obra assistencial está centrada na história do Asilo São Vicente, que é fruto da SSVP, fundado em 1920 como resultado da Conferência de N. Sra. Carmo. Foi entregue em 1923 ao abrigo da velhice desamparada, sem a necessária separação em pavilhões diferentes.

Com o tempo, a direção do asilo percebeu a inconveniência de abrigar pessoas de ambos os sexos num só pavilhão. Neste período, o Asilo funcionava na atual rua Tenente Virmondes, entre as avenidas Afonso Pena e Floriano Peixoto. Em 1936, o prédio foi vendido ao Sr. Tubal Vilela e, com o lucro da venda, a Conferência N. S. Carmo, que administrava os bens da Sociedade, pois ainda não havia sido instalado o Conselho Particular, adquiriu 2 prédios situados na então Praça da Matriz, mais tarde Praça Minas Gerais e atualmente Praça

Cícero Macedo. Em um destes prédios funcionou o Asilo para mulheres e, a partir de 1949, o outro prédio foi utilizado para abrigar pessoas do sexo masculino, pois até então este estava alugado. O prédio do Asilo para mulheres compreendia oito espaçosos cômodos e mais tarde foi construída na parte aos fundos: uma varanda com área para refeitório.

As responsáveis pelo Asilo, durante este período, eram as Irmãs da Congregação de N. S. da Piedade. O primeiro contato foi firmado em 1946 pela Madre Ângela, Superiora Geral e o Sr. Theodomiro da Costa Matos, então presidente do Conselho Particular, que a esta altura, assumira a administração do Asilo. Por volta de 1950, e até 1955, foi construído um prédio novo na esquina da Praça Cícero Macedo. As Irmãs que residiam no prédio velho passaram a morar no prédio novo que oferecia mais conforto.

O confrade Oly-Mar Castilho Alves, após ser eleito presidente do Conselho Particular, em 1956, passou a se voltar para a construção dos novos pavilhões do Asilo São Vicente. A planta do novo prédio foi feita pelo Dr. Luiz Rocha e Silva e seu filho o Dr. Luiz Antônio Rocha e Silva e, com a licença da prefeitura Municipal, foi iniciada a obra de construção, executada em várias etapas, pelo fato dos recursos serem escassos. Para muitos vicentinos era uma obra utópica, grande e cara demais.

Quando se concluiu a construção do novo prédio à rua Coronel Severiano, onde o Asilo São Vicente funciona até hoje, foi possível abrigar homens e mulheres, porque o novo Asilo possui uma grande área física que possibilita a divisão de pavilhões para ambos os sexos. Esta última fase é a que estabelece o corte cronológico da pesquisa que realizei, que vai de 1964 até os dias atuais. Este é um período em que a administração do Asilo esteve na maior parte do tempo concentrada nas mãos do Sr. Oly-Mar Castilho Alves, atual administrador da instituição, o qual se afastou em 1985, retornando cerca de 2 a 3 anos depois às suas atividades.

Entre os anos de 1963 e 1964 existiu uma associação autônoma de mulheres que não possuía nenhum vínculo com as instituições filantrópicas da época: formavam a Pia União de Santo Antônio. Estas mulheres da associação eram benfeitoras do Asilo São Vicente de Paulo. A grande obra de caridade que faziam ficou conhecida como “obra do pão de Santo Antônio”: eram recolhidos semanalmente, em toda a cidade de Uberlândia, pães para os velhinhos do Asilo. Por este motivo a União ficou caracterizada com este nome. O fato mais importante neste assunto é a influência que esta associação teve na mudança do nome do Asilo. Como a obra de caridade era bastante significativa, a administração do Asilo decidiu homenagear todas aquelas “senhoras de bom coração”, e achou uma forma especial para fazê-lo. Com o término da construção do Asilo à rua Coronel Severiano, o novo Asilo passou a chamar-se Asilo São Vicente e Santo Antônio.

Esta instituição para a obra assistencial é importante pois abriga idosos que não têm para onde ir. Numa sociedade como a nossa onde poucos se preocupam ou se interessam pela velhice, as instituições asilares tornam-se os lugares possíveis para aqueles que não se encontram mais no mercado de trabalho e não têm para onde ir.

Michael Ignatieff¹³ tem um estudo sobre “instituição total e classes trabalhadoras”, que nos conduz a uma reflexão sobre o significado da história de uma instituição. Chama a atenção para uma história que tenta considerar as instituições não como entidades administrativas, mas como um sistema social de dominação e resistência, ordenado pelos complexos rituais de troca e comunicação. Para ele, o tema verdadeiro da história das instituições não é o que acontece dentro das suas paredes, mas a relação histórica entre o dentro e o fora; e vai adiante afirmando que elas só se tornam objetos históricos significantes quando nos mostram os limites que governam o exercício do poder na sociedade como um

¹³ IGNATIEFF, Michael. Instituições totais e classes trabalhadoras: um balanço crítico. In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 7(14), p. 185 a 193, mar/ago. 1987.

todo. A questão essencial da “instituição total” que ele levanta, é o papel que ela representa na reprodução da ordem social no mundo além de suas paredes.

A nova história das instituições deixa para trás aquela história da arquitetura, da administração, passando para uma história escrita a partir de seus internos, podendo ser construída sobre as batalhas contemporâneas dos confinados contra seus sofrimentos. Michel Foucault¹⁴ sintetiza uma série de exemplos das técnicas essenciais de disciplina, porém, não faz a história das diversas instituições disciplinares, no que podem ter cada uma sua singularidade. Estuda a distribuição dos indivíduos no espaço e a organização desse espaço.

Uma instituição como o Asilo São Vicente e Santo Antônio em Uberlândia, não é comum; o que vemos são asilos e albergues em grandes necessidades. Como é uma obra que é fruto da SSVP, o Asilo recebe donativos e tem como se manter com aluguéis de imóveis da Sociedade. Com isso oferecer uma boa infra-estrutura aos internos. O objeto do próximo capítulo é a análise mais detalhada do espaço físico da instituição, do perfil de seus internos e da vida cotidiana que levam lá dentro.

O que me interessa é saber como as pessoas vivem lá dentro, se estão melhor ou pior que antes, se vivem felizes ou infelizes. O que as levou a procurar a instituição, se foi motivo de vontade própria ou força maior. As condições de vida, seus direitos e deveres, se sentem-se em casa ou numa prisão, as normas disciplinares e a organização interna do funcionamento da instituição. Recuperar e entender as relações entre as pessoas e o mundo exterior, em um asilo, requer análises sobre a instituição, sua inserção em uma sociedade disciplinar como a nossa e a questão da velhice em um mundo que é do trabalho.

¹⁴ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. P. Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1977.



Asilo São Vicente e Santo Antônio — Uberlândia-MG
Fachada externa — Abril/99



Asilo São Vicente e Santo Antônio — Uberlândia-MG
Pátio interno — Em destaque o Sr. João Batista, interno da Instituição — Abril/99

Capítulo 3

— O Asilo São Vicente e Santo Antônio:

um estudo de caso—

3.1 – A solidão e o Asilo na vida dos internos

Quando iniciei a pesquisa sobre o Asilo, tinha em mente um estudo sobre a vida dos internos: gostaria de saber o que os levou a procurar a instituição asilar. Para isto seria preciso entrevistar alguns internos para conhecer suas experiências em relação ao assunto, saber como o Asilo entrou em suas vidas e como era tratada a questão da solidão por eles.

Ao todo realizei onze entrevistas, cinco delas com mulheres, cinco homens e com uma funcionária do Asilo, sobre as normas da casa.¹⁵ Em média, era feito seis perguntas, sempre procurava manter o mesmo questionário para todos eles, exceto à funcionária, e o andamento e resultado foram bem diferentes em cada um dos casos. Encontrei uma situação semelhante nas entrevistas quando os entrevistados retrataram a forma pela qual chegaram no Asilo. A maioria deles teve a instituição como opção de vida porque não tinham mais apoio de seus familiares em suas casa, outros porque nem tinham mais família...

A primeira pergunta foi a seguinte: “Por que o senhor(a) veio morar aqui no Asilo?”, e as respostas foram bem interessantes: dois deles vieram para Uberlândia procurando emprego e não conseguiram nada. O Sr. Benedito, 71, veio de São Paulo para cá procurando serviço, passou uns tempos numa pensão e recebeu indicação do Asilo, procurou a instituição em 6 de fevereiro de 98 e está até hoje onde pretende ficar por mais tempo porque não tem família, aliás, tem um filho em São Paulo, mas para ele não faz diferença. O Sr. Danilo, 68, veio de Natal-RN passando por várias cidades e acabou em Uberlândia em 1996: veio atrás de

¹⁵ As entrevistas foram gravadas por mim com os diversos internos, no período de 19 de junho até 07 de agosto de 1999. Eram feitas nos finais de semana obedecendo a disposição de cada um deles.

trabalho, mas acabou ficando um mês e quinze dias na rodoviária da cidade, e disse que “andou pra caramba” para chegar até o Asilo. Internou-se em dezembro de 96, hoje ele vive numa casa no quintal do Asilo e presta serviços diversos à casa. Não quis mencionar nada sobre seus familiares.

Todas as cinco mulheres entrevistadas estão na instituição porque não têm mais familiares e as que têm já perderam o contato quase que totalmente com eles. Dona “Jerominha”, 68, solteira tem um depoimento interessante: “Porque que eu vim morá aqui no Asilo? Os pai morreu, a mãe morreu, meus irmão esparramô tudo, andô morreno um mucado, aí, pra num ficá jogada lá, aí a dona Ida garrô, rumô aqui com o santinho e as irmã e me colocô aqui... é. E tem muitos ano já... Que eu tô aqui, é...” Ela faleceu neste anos de 1999, era uma pessoa alegre e estava doente há algum tempo, chegou no Asilo em maio de 1971.

No capítulo 1 escrevo sobre o idoso numa sociedade que é do trabalho, de como esta sociedade obriga direta ou indiretamente o idoso a procurar um asilo. O depoimento da Sra. Onofra, 71, natural do Prata, pode ilustrar bem isto: “ Eu tava muito doente né, eu tava lá no Prata lá, a minha nora tava me oiando e foi trabaia e minha neta também e não podia me oiá. Eu ficava sozinha e Deus lá naquela casa... Aí eu vim pra casa do meu fio, eu tenho um fio que mora aqui né... Eu vim e fiquei com ele quatro mês... Ele ficava trabaiaando e eu ficava sozinha lá e foi ele que me trouxe pra cá.”

Os homens também procuraram o Asilo por não terem mais o apoio em casa: “ Eu vim morar aqui porque eu perdi minha mãe... e... e..., que eu não podia ficar sozinho lá na minha casa...”, segundo Sr. José Israel, araxaense de 66 anos. Anteriormente falei de possíveis casos de idosos que procuram o Asilo por vontade própria, claro que é bem mais raro, mas nesta instituição temos casos assim, como o Sr. João Batista, 57, natural de Indianópolis: “É o seguinte: é porque eu estava meio doente sabe, eu estive na cadeira de roda uns tempos. Então, tava meio dificultoso pra família. A família é pouca né. Aí, eu mesmo pedi pra vir pra

aqui. Eu queria arrumar um lugar pra eu ficar, e não precisava ficar dependendo de muita coisa. A gente não poder fazer as coisas é ruim né. Então eu pedi pra arrumar um lugar pra eu ficar.”

Foi possível identificar no decorrer das entrevistas que o principal motivo que levava os idosos a procurarem o Asilo era a solidão. Mas dentro da instituição também é possível se sentirem solitários, mesmo estando juntos com outros internos e convivendo com os funcionários da casa e visitantes. Se eles se sentem solitários lá dentro do Asilo foi uma outra pergunta que fiz aos internos. Poderia agora transcrever aqui todas as respostas porque são curtas e objetivas, percebi que nem todas declararam a verdade que estão sentindo, vou ilustrar com alguns depoimentos: Em relação a pergunta: “Você se sente solitário aqui dentro?” A Sra. Onofra disse: “ Não, nunca senti. Tenho amigos aqui, pocos, mas sempre tem muita gente aqui, visita dia de quarta e domingo...”

Dona Jerominha:

“Sinto solidão, tem dia que vai embora tudo, eu sinto aquela solidão... ruim... as funcionária vai embora tudo. Fica solidão... sozinha lá dentro...”

Dona Elisa, 72:

“ Não, jamais. Nem um pouquinho... Outra, que eu sô muito da Igreja, quando eu me sinto assim, quando eu tô querendo assim, me sintí só, eu vô pra Igreja, começo a rezar e converso com Jesus, ele me dá muita força.”

Dona Maria Lourdes Rego, 86:

“ De noite, um pouco. É porque eu não acostumei. Onde eu morei, morava... era muita gente. Onde eu fui criada era muita gente né, então eu me acostumei. A velhice não aceita a solidão... Eu faço de conta que aceito, mas que é bom não é não.”

Sr. João Batista:

“ Não. Sinto não porque na mesma hora que a gente tá sozinho já chega alguém por aí né...”

Sr. Danilo, que mora nos fundos do Asilo:

“As vezes sinto. Mais a noite, moro lá sozinho. Sem ninguém pra conversar...”

Sr. Benedito, quando lhe fiz a pergunta ficou emocionado, chorou e não respondeu...

A maioria deles tenta esconder que se sentem solitários, é muito difícil admitir que não tem mais ninguém na vida que se importe com eles, que não é mais amado por aqueles que amou a vida toda... e ainda ama, mesmo sem vê-los ou sem a menor notícia. A solidão é muito triste de ser encarada, não só na Terceira Idade, mas em qualquer época de nossas vidas. Quem consegue imaginar-se sem sua casa, sem pais e irmãos, sem amigos, primos, tios e tias, sem sua profissão?

As vezes, entrevistar os internos e ouvir seus depoimentos é bem fácil porque jamais poderemos entender o que realmente estão sentido, por maior que seja o esforço, não sentiria nada do que sentem sendo internos de um Asilo. O que conseguimos ver é que eles tem uma casa “comunitária” onde existem muitos em situações semelhantes. Ali eles têm o básico para a sobrevivência.

O Asilo na vida dos idosos é de extrema importância, é a única opção de vida que possuem, é o que lhes restou da longa caminhada... Passam a viver ali e ter aquele lugar como seu lar, não como um hotel, mas como suas casas, sabem que ao se internarem, dificilmente sairão de lá para outro lugar ou retornarão aos seus antigos lares. Infelizmente para alguns é um período muito triste, porque enxergam o Asilo como uma “prisão”, onde estão condenados a viverem na solidão, no sentido de ficarem sem suas famílias. Para outros, ao contrário, encontram ali carinho e atenção que jamais tiveram em suas antigas casas, se entrosam com mais facilidade que os outros e olham as coisas com uma visão diferente, como se o Asilo fosse uma outra opção de vida para eles, só que agora melhorada.

Evidentemente o olhar de cada interno em relação ao Asilo é diferenciado, alguns são felizes lá dentro, outros nem tanto: trazem em seus corações a esperança de serem buscados por algum ente querido para passarem o resto de suas vidas com eles. Dificilmente isto acontece. Alguns internos já estão no Asilo há tanto tempo que nem se lembram mais daqueles que passaram em suas vidas, preferem não lembrar... Falando assim, parece que a grande maioria é infeliz lá dentro, o que não seria uma verdade: os internos se sentem bem lá porque são sempre bem tratados. No decorrer das entrevistas não houve nenhuma queixa de maus tratos, nem da administração e nem da parte dos empregados, mas ao contrário, o que fizeram foi elogiá-los todo o tempo.

A relação que o interno cria com a casa, a administração, com os empregados em geral, é uma relação afetiva. A equipe que trabalha na casa costuma tratá-los com carinho e paciência e os idosos transferem para eles a figura de um filho ou uma filha, um pai ou uma mãe, mesmo que a idade do funcionário seja bem inferior a dele, um parente muito próximo. Passam a ver neles uma referência, uma segurança que em certa época de suas vidas é perdida, sendo recuperada na figura das pessoas que convivem com eles no Asilo, em especial o Sr. Oly-Mar que é o administrador da casa há muitos anos e convive com eles na maior parte de suas vidas. Ele fica na instituição desde manhã até anoitecer, até todos os idosos se recolherem para dormir. Costumam conversar muito com ele e acabam por incorporar a figura de um “pai”.

Os internos tem poucas coisas materiais, pois quando chegam ao ponto de procurar o Asilo, deixam tudo para trás. Eles têm o suficiente para viverem, a casa fornece tudo o que precisam, cama limpa, roupas limpas, sapatos, remédios, produtos de higiene, enfim, eles não se preocupam em ter muito além do básico. Alguns têm em seus quartos um rádio, uma televisão ou objetos de uso pessoal que trouxeram consigo. As mulheres, geralmente, têm muitas bonecas, outras livros, tudo o que tem valor para elas (eles). O que percebemos é que o

Asilo é muito importante para todos os que vivem lá dentro. Mesmo para aqueles que sustentam ainda a idéia de sair de lá para outro lugar. É agora o referencial e faz parte de suas vidas, encontram ali dentro o apoio que não tiveram ou deixaram de ter no mundo de fora.

3.2 – O cotidiano dos internos e suas frustrações, expectativas e experiências de vida

Durante as entrevistas realizadas, além de procurar saber como os idosos chegaram até o Asilo e a questão da solidão, procuramos identificar o cotidiano dos internos, como é o dia de cada um, o que gostam de fazer, as normas disciplinares que precisam obedecer e suas expectativas. Uma outra questão observada também foi em relação às visitas recebidas, que geralmente são de pessoas estranhas: identificamos que raramente vão familiares visitar os internos.

“O senhor recebe visitas aqui?”

“Recebo. Sempre vem gente de fora. É” (José Israel). “Não recebo. Há! Meus familiares vem de vez em quando... Porque eu é que vou lá. Todo domingo. Eu não fico aqui aos domingos. Eu vou pra lá, passo o dia lá pra disfarçar um pouco né... Agora, visita eu não recebo não...” (Dona Elisa). Esta última vive no Asilo e trabalha lá, sua aposentadoria fica para ela, tem uns parentes em Uberlândia, mas veio de São Paulo porque ficou sem os pais e é solteira. Não se considera uma interna, apenas mora na instituição, porque recebeu generosamente da administração um quarto e presta serviço a eles. É uma senhora de 72 anos e vive tranqüila no Asilo, trabalha todos os dias na portaria, na parte da manhã.

Nesta situação, diferente dos demais, tem também o Sr. Danilo que mora nos fundos do Asilo, numa casa pequena onde ele tem de tudo, inclusive móveis e televisão. Também

presta serviço à casa como cuidar do pomar, buscar comida nos restaurantes, consertar cadeiras e móveis, rádios, televisores, entre outros serviços diversos. Mora sozinho porque não dava certo com seu colega de quarto e preferiu morar isolado onde se sente mais a vontade. Na casa tem também um outro caso interessante, o Waldir José Santos de 38 anos que mora no Asilo desde criança: “Eu não tinha família e trouxeram eu pra cá. Quando eu nasci eu fui criado lá na Santa Casa. Eles me trouxeram pra cá pra tratá, e aí fiquei... Tem muito tempo que eu moro aqui, desde pititinho. É minha casa... A família que eu tenho é essa...”

Os demais entrevistados são internos e vivem na casa como todos os outros. A dona Elisa, o Sr. Danilo, o Waldir, o Sr. Benedito, e outros que tenham condições físicas e mentais boas, podem sair do Asilo para dar uma volta quando quiserem. Os demais que têm dificuldade para andar, ou já estão com dificuldade de raciocínio, não saem da casa sozinhos, só saem acompanhados por um funcionário ou com alguém que tenha autorização expressa do Asilo. Alguns dos internos reclamam por isto, nem sempre têm companhia para sair e passear, os funcionários estão sempre ocupados e sobra pouco tempo. “Aqui tem as horas. Eu não posso sair hora que eu quiser não. O Sr. Oly-Mar não deixa. É porque ele não deixa. Nunca fui na casa do meu fio. Ele falô que vem me buscar pra passear mas não sei que dia. Já teve quarta-feira que eu fui lá no banco, um amigo meu (funcionário) foi comigo”. (dona Onofra).

Dentro da casa existem áreas abertas, com pequenos jardins e um espaçoso quintal com um pomar e galinheiro. Os internos podem circular nestas áreas à vontade. Os homens ficam no pavilhão de baixo, lá eles têm uma ampla sala de televisão, corredores compridos e muitos quartos e alguns banheiros. As mulheres ficam no pavilhão superior onde também têm uma sala de televisão, corredores compridos e muitos quartos e alguns banheiros. Os dois refeitórios com mesas largas ficam no pavilhão feminino, assim como a capela, a sala de visitas e as saídas para os jardins e quintal.

Ao todo são quarenta internos, dezesseis homens e vinte e quatro mulheres vivendo na casa. Geralmente o convívio é complicado, os idosos discutem uns com os outros por coisas mínimas e ficam extremamente magoados entre si: (Dona Onofra) “Tem só uma muié que eu não gosto porque ela implicô comigo. Uai, eu tava passando male né, e eu tava gritando né e aí ela achou ruim. Aí ela brigou comigo, me tocô daqui... me xingô e falou: ‘sai daqui égua véia’. Mas é só isso que eu não gosto.” (Sr. Benedito): “ Acho que falta uma pessoa pra tomar conta, pra administrar aqui em baixo. Eles ficam lá em cima né, e aí corrige. Nós ficamos só aqui embaixo... Mas, o Sr. Oly-Mar falou que é bobagem minha querer sair, todo lugar é igual. Mas eu quero sair mesmo, não é por causa do senhor nada, eles são muito bons. Mas é por causa do pessoal aqui...”

Todos na casa obedecem as normas, elas são necessárias para o bom andamento das coisas. É um ambiente onde ficam muitas pessoas dividindo os mesmos espaços e áreas comuns; cada um com um gênio diferente do outro, então a casa impõe algumas normas para manter a ordem. Normas como horários para as atividades e regras de conduta. Homens num pavilhão e mulheres em outro, os dormitórios não se misturam. Horário para o banho, almoço, lanche, jantar e para dormir. Geralmente acordam todos bem cedinho e costumam dormir mais ou menos no mesmo horário, por volta das oito ou nove horas da noite, com raras exceções, pois alguns sofrem de insônia.

Os métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que chamamos as “disciplinas”. Os processos disciplinares existem há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas e nos asilos também. A disciplina, que fabrica corpos submissos e “dóceis”, aumenta as forças do corpo em termos econômicos de utilidade e diminui essas

mesmas forças em termos políticos de obediência, como afirma Foucault.¹⁶ A disciplina usa diversas técnicas para conseguir a distribuição dos indivíduos no espaço, uma delas é a especificação de um local protegido, que é heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo como os colégios e quartéis.

No Asilo São Vicente e Santo Antônio, as normas disciplinares são impostas aos internos e a administração não tem muitos problemas com isto. Os idosos geralmente são comportados e procuram seguir os horários e ajudam os funcionários a manter tudo organizado. Conforme Rosana, funcionária do Asilo, em relação aos horários da casa: “Esses que andam, geralmente levantam a hora que querem. É que ele já acostumou a levantar cedo mesmo. A gente começa os banhos ali pelas seis horas da manhã, porque sete horas, sete e meia é o café. Aí depois, dez e meia dá o almoço. Duas e meia vem o lanche. Aí, quatro e meia começa a repartir janta. Cinco horas a gente começa por eles na cama, esses de cadeira de roda né, que não anda, aí a gente põe eles na cama porque as funcionárias vão embora e depois só fica uma, depois das cinco só fica uma até o plantão chegar. Aí, cinco horas eu fecho a porta e passo lá pra dentro. Só volto aqui (na portaria) quando o telefone toca ou chama a campainha. Oito horas o plantão chega.”

A utilização desse tempo, privilegia as atividades básicas de sobrevivência, a alimentação e o sono, em séries sucessivas, que se repetem dia após dia. Essa utilização é capaz de criar a rotina, possibilitando o controle detalhado da vida dos internos e dos desvios que possam acontecer. A vida diária é cronometrada em um tempo evolutivo e isto facilita a sua administração. Na medida em que o coletivo se sobrepõe ao individual, o controle da vida interna da instituição se faz de forma mais eficiente.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. Op. Cit.

Quando mencionamos anteriormente que os internos são bem alimentados no Asilo, é interessante ilustrar com a fala de Dna. Maria Lourdes Rego sobre os horários: “...De manhã... é o café da manhã... às 7:30. Agora, 10:30, 11:00 o almoço. Duas e meia quando tá chegando, o lanche.

Depois tem, num tem janta. Tem sopa. A sopa no lugar da janta. Agora, as oito horas da noite, oito e meia, é outro lanche, é outro café. Ninguém dorme com fome aqui. É. Todos trata a gente muito bem...”

Geralmente não fazem muita coisa no Asilo, ficam a maior parte do tempo sem ter o que fazer, dependendo só da criatividade de cada um. No capítulo 1 quando falamos do idoso numa sociedade que é do trabalho chamamos a atenção para algumas particularidades, agora, gostaríamos de chamar atenção para as consequências que o “deixar de trabalhar” significa para o idoso, de como o trabalho, ou a falta dele incomoda o idoso. A pergunta era: O que o senhor(a) costuma fazer todos os dias?

“Nada, eu não posso fazer nada (risos). Gostaria de trabalhar, porque a minha profissão foi de costureira, aqui dentro de Uberlândia, mais de 50 anos...” (Maria Lourdes Rego).

João Batista dos Santos:

“Andar a tôa. O dia inteirinho. A gente levanta, toma café, depois vem o almoço...”

Assisto televisão, mas eu não sou muito chegado não. Rádio mais ou menos... Eu não tenho o meu né, e coisa dos outros eu não gosto não. Onze horas é o almoço e cinco horas a janta. As oito tem um café né. Tomo um café né. Eu gosto de deitar cedo...

Aqui não tem nada pra fazer né (risos). Fico subindo esta escada aí o dia inteiro, fico nos quarto aí... (risos). De vez em quando eu vô nas orações. Gosto de ficar aqui na sala de visitas também. É mais alegre né, é mais livre né, lá embaixo é muito triste (risos), solidão né, é fechado demais né.”

Também perguntamos a eles o que mais gostavam de fazer, mas as respostas não foram muito diferentes:

Dona Onofra:

“Uai não tem nada pra fazê né (risos). Ai não posso respondê né (risos). É de ficá deitada né. Deito mas não durmo de dia não.”

João Batista:

“Há... é o serviço... eu toda vida trabalhei e agora não posso trabalhar né. Era serviço de pedreiro. Fazia muita coisa.”

Muitas coisas ainda poderiam ser faladas aqui sobre a vida dos internos. Durante as entrevistas, eles retrataram o que sentiam e como viviam na instituição, mas sempre remetendo a algum fato do passado. Falaram de coisas bem presentes ainda em suas memórias, de coisas pessoais que carregam consigo até hoje e que, provavelmente permanecerão por muito tempo, já que agora não resta muito senão suas lembranças...

“Sou aposentado da aeronáutica, eu não... mas eu trabaiei noutras coisas, trabaiei na rádio também. Achei que era melhor entrar na aeronáutica porque ganhava mais um pouquinho. Porque na rádio eu ganhava só esse aqui (fez sinal com a mão de coisa pequena).”
(José Israel).

“...eu mudei pra cá no dia 12 de abril, e ela (filha de criação) morreu em junho... Então Deus me ajudou que quando ela morreu, eu já estava aqui. Há dias...” (Maria Lourdes Rego).

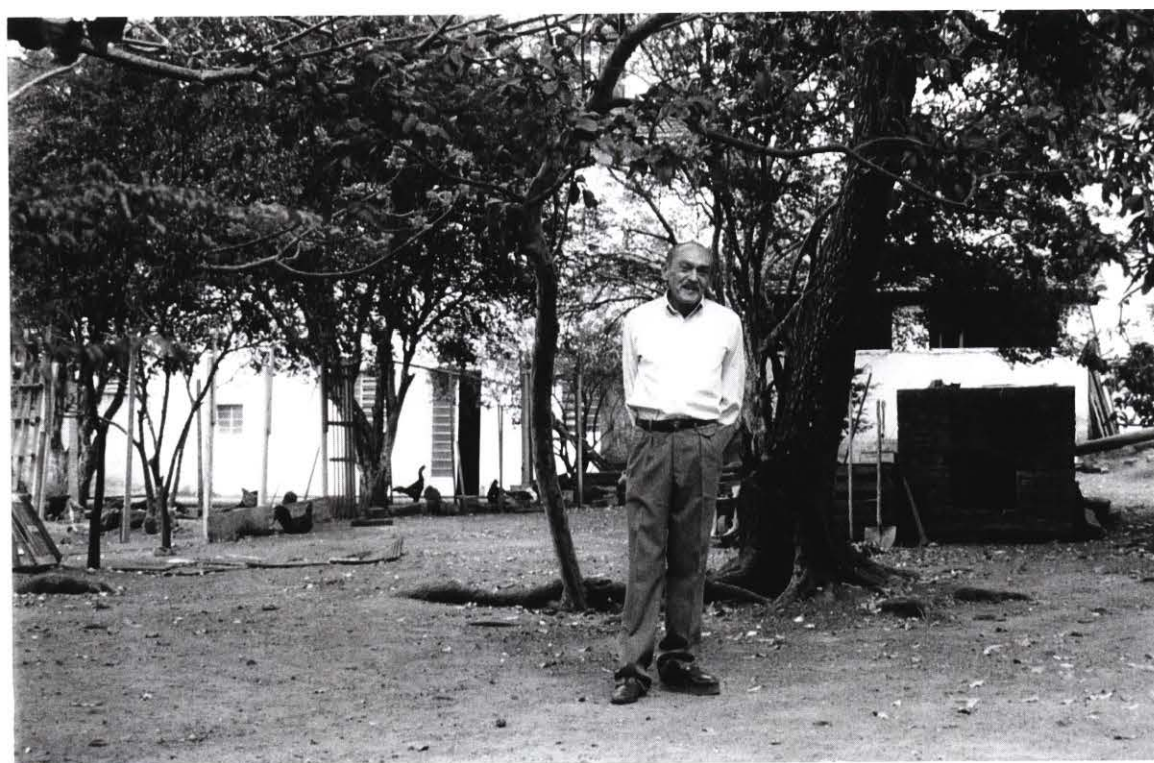
Foi possível, com as entrevistas, perceber um pouco mais sobre o que os idosos sentem vivendo numa instituição asilar. O que foi visto no Asilo é que todos são tratados de forma igual, sem distinção nenhuma. Uns têm mais liberdade que outros pelo fato de serem mais jovens, ou mais bem dispostos, ou mais independentes, por isso podem ser mais maleáveis em relação a horários, por exemplo, ou liberdade para saírem da casa.

Foi gratificante todo o trabalho realizado com os idosos porque trocamos experiências. Durante as entrevistas, eles queriam saber sobre minha vida, o que fazia, quando voltaria a vê-los, se este contato iria acontecer mais vezes ou ficaria só naquele momento; enfim, sempre queriam se envolver mais, firmar uma amizade. Sentiam-se importantes ao serem entrevistados e menos carentes, porque o que mais sentem falta é de alguém para conversar fora do seu cotidiano. Sentem falta de pessoas novas em suas vidas para compartilharem do que está se passando no mundo exterior.

Com as entrevistas tivemos contato com o universo de cada interno, com seu cotidiano e percebemos que eles sentem falta justamente do trabalho que deixaram de fazer; sentem falta de serem pessoas úteis para a sociedade, de fazerem alguma atividade que possa torná-los mais vivos e ativos. No Asilo encontramos muita tranquilidade, um ambiente sem tumulto, agitação ou bagunça, longe da confusão do dia-a-dia desta sociedade que de certa forma os excluiu, pois não conseguem mais acompanhar, ou não se enquadram mais nas exigências do mercado de trabalho. Para os idosos, andar, correr e trabalhar são sonhos que levarão com eles pelo resto de suas vidas, por serem coisas que muitos não fazem mais ou não tem mais oportunidade de fazê-lo.



Asilo São Vicente e Santo Antônio — Uberlândia-MG
Pátio interno — Em destaque a interna Maria de Lourdes Rêgo — Abril/99



Asilo São Vicente e Santo Antônio — Uberlândia-MG
Quintal e pomar — Em destaque o interno Danilo de Oliveira Lustoza — Abril/99



Asilo São Vicente e Santo Antônio — Uberlândia-MG
Pátio interno — Em destaque o interno Benedito Silva Guimarães — Abril/99



Asilo São Vicente e Santo Antônio — Uberlândia-MG
Pátio interno — Em destaque a interna Maria Abadia Ferreira — Abril/99

Considerações finais

— Considerações Finais —

Inúmeras coisas ainda poderiam ser ditas nesta monografia a cerca do tema escolhido. Várias são as possibilidades de pesquisa sobre a instituição, e o que tentamos fazer aqui foi uma análise do Asilo a partir da reconstrução de sua história na perspectiva de seus internos, resgatando as experiências de vida de cada um, utilizando como recurso as entrevistas. Este cotidiano, por sua vez, se insere em uma problemática maior: a questão do idoso na atual sociedade e a visão desta sociedade em relação a ele.

A questão da velhice e das instituições asilares nos remetem a uma reflexão mais abrangente a respeito das políticas sociais existentes nas sociedades capitalistas. Nos países da América Latina, a assistência é prestada, na sua maior parte, por órgãos do governo, ligados ao poder executivo. A assistência privada, prestada por sociedades beneficentes, conseguem angariar fundos por meio de coletas públicas, doações e trabalhos voluntários.

Os seguros sociais, ou a previdência social, consistem numa política geral de direitos sociais em função do pagamento de contribuições; é uma garantia adquirida pelo indivíduo. Compreender uma gama variada de serviços como (internamento, reabilitação, consultas médicas ou psicossociais, etc.). As políticas sociais têm seus “grupos-alvo” baseados em dois critérios: primeiro classificados por idade (crianças e/ou velhos) e segundo por critérios de normalidade ou não (doentes, inválidos, delinquentes, etc.).

Ao implantar políticas sociais com intenção de reintegrar os desviados sociais, estes são marcados por ela, definidos agora como anormais. A ideologia da normalidade pressupõe que o indivíduo possa trabalhar para poder, “normalmente”, com o salário obtido, satisfazer as suas necessidades de subsistência. O trabalho passa a ser o critério de vida normal, na sociedade capitalista. Na opinião de Faleiros, “a política social é uma gestão estatal da força

de trabalho, articulando as pressões e movimentos sociais dos trabalhadores com as formas de reprodução exigidas pela valorização do capital e pela manutenção da ordem social”.¹⁷

O trabalho, passando a ser um critério de “vida normal” na nossa sociedade, deixa de ser praticado pelos idosos que chegam à aposentadoria. Neste momento eles passam a ter uma nova vida, ao deixar seus postos de trabalho. É justamente por estes motivos que o idoso começa a se sentir um inútil na sociedade, como se não mais fizesse parte dela. Em outros casos, de idosos que não se aposentam no trabalho por tempo de serviço e sim por idade, esse sentimento tende a vir à tona mais cedo, pois eles passam por inúmeras atividades e se acostumam a trabalhar e deixam de fazê-lo porque seu organismo já não aguenta mais o mesmo ritmo.

As políticas sociais fazem mais do que uma valorização do capital, elas interferem diretamente na valorização e validação da força do trabalho como uma mercadoria especial. Ao mesmo tempo que se tem a insegurança do emprego como também a disciplina do trabalho, vai se reproduzindo a força de trabalho nas condições impostas pelo capital. Uma força de trabalho, em primeiro lugar jovem e cada vez mais especializada e qualificada, deixando de lado o profissional mais velho de casa (no sentido de tempo de serviço e a idade passa a ser um critério de seleção) que vai sendo substituído por jovens universitários ou técnicos, ambos com uma gama de cursos de aperfeiçoamento em seus currículos.

Os problemas sociais, ao se transformarem em política social, passam a ser administrados profissionalmente. Esta administração política estabelece um canal para as necessidade sejam expressas em recursos, como medicalização, serviço social, psicologia e socialização. Dessa forma, o problema da saúde, numa questão de remédios; o problema da

¹⁷ FALEIROS, Vicente de Paula. **A política social do Estado capitalista. As funções da Previdência e da Assistência Social**. São Paulo: Cortez Editora, 1987.

fome, num problema de cestas básicas, e tudo isto implica cada vez mais em intervenção do Estado.

Por meio das políticas sociais, os idosos têm assistência para sua sobrevivência, mas além destas políticas, é possível perceber a necessidade cada vez maior da criação de instituições voltadas para atividades com a Terceira Idade, como é o caso das “Universidade para a Terceira Idade” no Estado de São Paulo, que promovem cursos específicos para idosos. São cursos de especialização numa área específica, que têm uma carga horária menor que a de um curso normal, onde os idosos os freqüentam diariamente ou semanalmente. Esta é uma das formas de reintegração do idoso na sociedade e, justamente com ela, existem inúmeras outras a serem pensadas.

Nesta monografia chamamos a atenção para estas questões e gostaríamos de deixá-las para que todos os leitores pudessem fazer uma reflexão acerca do assunto. Ser idoso, não é tão simples a visão que temos de um senhor assentado na praça jogando “damas” com seus parceiros, geralmente idosos também, como se não existisse “corre-corre” ao seu redor, como se o mundo fosse, uma só paz, e sua vida absolutamente sem conflitos. Este universo do idoso é bem mais complexo e nossa preocupação foi passar um pouco dele nesta monografia, para que este trabalho possa servir de contribuição para o conhecimento de tal universo, como também de instituições voltadas exclusivamente para o cuidado dos idosos, como é o caso do Asilo São Vicente e Santo Antônio.

Anexos

Anexos

1 – Entrevista feita com a senhora Horacina Silva em 07 de agosto de 1999.

1 – Por que a senhora veio morar aqui?

R = “Pois é, foi porque eu tomei um tombo, quebrei à... quebrou o osso da bacia, osso que não pode engessar, né, e então aí uma amiga minha de Patrocínio, porque meu pai e minha mãe faleceram em Patrocínio...

A família Nunes eram gente, até hoje, são gente muito meus amigos, foi a família Nunes que me trouxe pra cá. Meu pai chamava Emídio Silva, ele era ferreiro. E eu tinha um irmão que chamava Juca Emídio. Esse irmão me deserdô. Ficou com tudo, porque meu pai deixô quatro casas muito boas, no centro da cidade, com mais uma chácara muito grande e muito boa. Eles dividiram a chácara em lotes e venderam os lotes. Esse irmão que fez isso, ficou riquíssimo com as coisas do meu pai. Ele me deserdô para poder ficar com tudo o que o meu pai tinha.

Depois ele estava todo garboso, numa moto de último tipo, uma carreta pegô ele e matou. Então, todo mundo de Patrocínio disse: ‘a justiça de Deus não falha!’

Eu vim porque tomei um tombo, quebrei o osso da bacia e a família Nunes é que me trouxe pra cá. Porque o diretor daqui é irmão da Olymarina, ele chama Oly-Mar. Olymarina Nunes, muito minha amiga.” (risos).

2 – A senhora costuma receber visitas?

R = “Muitas, graças a Deus menina, então até me proibiram de ficar no quarto, então, quando é dia de visita, fecham minha porta pra não entrarem no quarto (risos). De tanta gente, até fecham a minha porta. E dizem, ‘você não podem entrar no quarto!’ (risos). Aí eu sou obrigada a receber lá fora” (risos).

3 – *O que a senhora costuma fazer todos os dias?*

R = “Escrevo. Escrevo muito... já publiquei livros e pretendo publicar mais ainda. Gosto de escrever sobre a palavra de Deus. Sobre a palavra de Deus...

O primeiro livro que eu publiquei dizia assim: A palavra que produz vida. É a Bíblia Sagrada que produz vida. Então eu tirei um resumo e então publiquei um livro, ‘A Palavra que produz vida’. E muita gente gostou. Saiu tudo” (risos).

4 – *Tem alguma coisa que a senhora gostaria de fazer aqui, mas não pode?*

R = (risos...) “Andar. (risos...)”

Mas eu gostaria de andar sem aparelho como eu andava aos meus 80 anos, eu andava muito...

Hoje tenho 88. Faz três meses que eu estou aqui dentro.”

5 – *A Sra. obedece normas?*

R = “Sim. A norma que eu obedeco é essa, não receber visitas, não recebê-las no quarto. Só lá fora” (risos).

6 – *A Sra. se sente solitária aqui?*

R = “Olha, não sinto por causa da Bíblia Sagrada que é minha grande amiga e companheira (risos).

Eu sou crente.

Graças a Deus, sou presbiteriana”...

2 – Entrevista feita com o Sr. Danilo de Oliveira Lustoza, em 10 de julho de 1999.

1 – Por que o Sr. veio morar aqui?

R = “Pra não ficar na rua. Na rua não dá pra ficar não. Eu fiquei um mês e quinze dias na rodoviária. Eu tava andando, procurando lugar pra ficar. Andei pra caramba pra chegar até aqui. Andei a pé, de carona, de tudo. A última cidade que eu passei foi Uberaba. De Uberaba pra cá. Eu sou natural de Natal, RN.”

2 – O Sr. costuma receber visitas?

R = “Olha, eu vejo visita aí e tudo, mas eu fico mais é em casa do que falo com visita. Tem muitas vez nem pensam que sô interno aqui. Fora de brincadeira. Depois, eu me visto melhor do que os outros aí também né. Ou eu sempre tô trabalhando aqui dentro.”

3 – O que o Sr. costuma fazer todos os dias?

R = “Há...

Eu levanto e fico um pouco lá em casa até na hora do café, venho aqui, pego meu café, desço com o café e tomo meu café em casa. Então, depois vou trabalhando aqui dentro. Se tem alguma coisa pra consertar, eu conserto, cadeira de roda, chuveiro, ferro, o que tiver, parte elétrica geral.

E nas horas vagas eu faço desenho, pinto aí, pra Natal, pra São João, essas coisa tudo que eu faço pra enfeite aí pra decorar o salão aí.

Agora vão construir outro salão aí...

Hora do almoço, eu almoço e fico em casa, descanso um mucado... Há, tem hora que eu não tenho tempo nem pra comer. Tem dia que eu vou almoçar quatro horas da tarde, deixo minha comida lé... Janta é difícil.

Tomo mais é vitamina, abacate com leite, nescau, mamão, goiabada, faço suco, bebo.

Há, durmo pouco, pôco, pôco, pôco, pôco... Tem noite que eu não durmo, de jeito nenhum. Desde novo eu não durmo direito”.

4 – O que o Sr. mais gosta de fazer?

R = “Olha, ultimamente eu não tenho preferência nenhuma. Tano fazeno alguma coisa tá bom.”

4.1 – O que o Sr. não gosta de fazer?

R = “Fazer a barba dos ôtro. Já me pediram e eu neguei”.

4.2 – Tem alguma coisa que gostaria de fazer, mas não pode?

R = “Olha, tem tanta coisa que eu gostaria de fazer mas não pode...”

Tanta coisa que não é brincadeira não.

As vez a gente tem idéia de fazê um negócio e eles não concorda. Aí que é ruim.”

5 – O Sr. obedece alguma norma aqui dentro?

R = “Eu obedeço.

Olha, não peço nada pra ninguém, que é proibido. Os ôtro pede, eu não peço.

Se me dão eu aceito. Se não me dé também, eu não ligo, se eu tô precisando, se eu quero...

Mas, graças a Deus eu tenho televisão a cores em casa, tenho som, liguei TV a Cabo em casa. Tudo o que eu consigo, que eu quero, eu consigo. Deus me dá. Sem eu pedi pra ninguém. Sim, Deus é muito bom.

6 – O Sr. se sente solitário aqui?

R = “As vezes sinto.

Mais a noite, moro lá sozinho. Sem ninguém pra conversar. Mas se eu ficá aqui dentro eu vô embora, eu vô pra rua. Muito melhor, porque aborrecimento um atrás do outro não dá não. Eu me dou com todos eles aqui dentro, mas conversar é pouco. Eles pra lá e eu pra cá e pronto.

Fontes

Fontes

- ❖ Livro de Regras da Sociedade de São Vicente de Paulo no Brasil/1998.
- ❖ Ata da Instalação do Conselho Particular da Sociedade de São Vicente de Paulo em Uberlândia/1937.
- ❖ Relatórios redigidos por funcionários do Asilo São Vicente e Santo Antônio retratando seu histórico/1970.
- ❖ Jornal “Folha de São Paulo”, Caderno Especial: “Mais Velhos” de 26 de setembro de 1999.
- ❖ Entrevistas com os internos do Asilo São Vicente e Santo Antônio e respectivas datas:
 1. José Israel – junho/1999.
 2. Elisa Meira – junho/1999.
 3. Jerônima Joana de Jesus – junho/1999.
 4. Maria de Lourdes Rêgo – Julho/1999.
 5. Danilo de Oliveira Lustoza – julho/1999.
 6. Benedito Silva Guimarães – julho/1999.
 7. Waldir José dos Santos – agosto/1999.
 8. João Batista dos Santos – agosto/1999.
 9. Onofra Cândida da Silva – agosto/1999.
 10. Horacina Silva – agosto/1999.
 11. Rosana – junho/1999 (funcionária do Asilo).

Bibliografia

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. **Instituição e poder: a análise concreta das relações de poder nas instituições**. N.º 9, 2ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- ASLAN, Anna, 1898. **Vivendo a velhice**. Trad. José Augusto Carvalho, 3ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1985.
- BARRETO, Maria Lectícia Fonseca. **Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social**. São Paulo: Ática, 1992.
- BERMAN, L. Phillip. **A coragem de envelhecer**. Trad. Bárbara Teoto Lambert, São Paulo: Ed. Gente, 1989.
- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2ª ed., São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da USP, 1987.
- COMBAZ, Chistian. **O elogio da idade: em um mundo jovem o bronzeado**. Trad. José A. Ceschin, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CONFORT, Alex. **A boa idade**. Trad. N. P. Yamamoto, São Paulo, Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Cidadelas da ordem: a doença mental na República**. São Paulo: Brasiliense, 1990, (Tudo é História, n. 128).
- D'ANTOLA, Arlete R. M.. **Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo**. São Paulo: EPU, 1989.
- DOMICIANO, Sandra da Cruz Perdigão. **Envelhecer e recordar: percepções e significados de uma experiência**. São Paulo: PUC, 1994.
- ENCARNAÇÃO, Maria Fernanda Neves da Silva. **Velhice e colonização**. São Paulo, 1995.
- FALEIROS, Vicente de Paula. **A política social do Estado capitalista. As funções da Previdência e da Assistência Sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 1987.

FERNANDES, Geisa Helena Alves Mendes. **Fragmentos de experiências: memória das mulheres idosas em Uberlândia (1990-1998)**. Uberlândia: DEHIS, 1998, (cad. 1277).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1977.

GAIARSA, José Angelo. 1920. **Como enfrentar a velhice**. 3ª ed., São Paulo: ICCNE, Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.

IGNATIEFF, Michael. Instituições totais e classes trabalhadoras: um balanço crítico. In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 7(14), p. 185 a 193, mar/ago. 1987.

KASTENBAUM, Robert. 1932. **Velhice: anos de plenitude**. Trad. Jamir Martins, Samuel Pfrom Netto. São Paulo: Haper & Row do Brasil, 1981.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. **Velhos “indignos”: investigação a respeito do projeto de vida de idosos que se mantêm socialmente ativos**. São Paulo: PUC, Faculdade de Psicologia, 1990.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada. (Uberlândia, 1965 e 1980)**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, 1990. (Cad. 663).

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Trad. Denise Bettmann, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PEZZUTI, P. **Município de Uberlândia: história, administração, finanças, economia**. Uberabinha: Livraria Kosmos, 1922.

PETRI, Dino. 1930. **A linguagem dos idosos: um estado de análise da conversação**. São Paulo: Contexto, 1991.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. **Trabalho, ordem e progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviços 1924 a 1964.** São Paulo: USP, Dissertação de Mestrado, 1989, (Cad. 723).

SILVA, Celina Rosa. **Envelhecer com dignidade: o grupo da terceira idade e a convivência com o SESC.** Uberlândia: DEHIS, 1998.

VESENTINI, Carlos Alberto. **A teia do fato: uma proposta sobre a memória histórica.** São Paulo: USP, Tese de Doutorado, 1982, (Cad. 905).

VILAS-BOAS, Magda. **Terceira idade: uma experiência de amor: terapia corporal para idosos.** São Paulo: Paulinas, 1994.